

Pacientes da fila da morte dependem de anestesistas

FÁTIMA XAVIER

DEZ médicos anestesistas é tudo o que o diretor do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), Rafael Barbosa, precisa para dobrar o número de cirurgias que vem realizando a cada mês e reduzir a lista de 4.061 pacientes — entre eles, dois mil casos de doenças malignas — que aguardam um simples telefonema para livrar-se do mal que pode levá-los à morte. Os 31 anestesistas do HBDF estão fazendo, juntos, nada menos do que 500 horas-extras por mês para atender a demanda.

O diretor garante que já perdeu doentes que aguardavam na lista de espera por cirurgias cardíacas. Vários pacientes, como um motorista de ônibus de Brasília, o visitam sistematicamente entre uma e outra crise renal. “Já o recebi diversas vezes, sentindo dores. Explico a situação, ele é medicado, supera a crise, mas precisa ser operado”, conta. Milton de Lima, com um tumor do tamanho de uma laranja na próstata, espera há um ano pela cirurgia. “Ele deve ser operado nos próximos 30 dias”, avisa Rafael.

O hospital trabalha como uma máquina em escala industrial. No ambulatório, as doenças de cerca de 800 pessoas são identificadas. Os casos que exigem cirurgia vão para a lista de Rafael por ordem de chegada ou de gravidade: são as chamadas cirurgias eletivas. No pronto-socorro, que recebe em média o mesmo número de pessoas, as cirurgias têm caráter de emergência e são realizadas de imediato.

“É claro que a prioridade número um é o paciente que corre risco de vida com um traumatismo craniano, por exemplo”, admite o diretor. É comum, na situação atual do Hospital de Base, uma pessoa com fratura exposta esperar até uma semana por uma cirurgia. O diretor mantém dois anestesistas por dia no pronto-socorro e três à noite durante os finais de semana. Dois dos quatro centros cirúrgicos ficam fechados por falta de médicos. Ainda assim, somente no último final de semana, 39 pessoas dos 55 pedidos de cirurgia foram operadas. Uma média de um paciente a cada duas horas.

A pressão não é apenas dos doentes e familiares, os próprios cirurgiões não se conformam em ficar parados e ter de enfrentar o drama de perder um paciente por falta de estrutura hospitalar. “Eles também têm compromisso com os seus pacientes e melhor que ninguém sabem da gravidade de cada um”, lembra Rafael. Os anestesistas, porém relutam em assumir as 20 vagas para as quais foram aprovados no último concurso público. O hospital tinha 30 vagas, mas dos 23 candidatos que foram aprovados apenas três assumiram a função.



Drama de Milton de Lima pode ser resolvido com um telefonema

125

J. Reis